

APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: Uma reflexão sobre a perspectiva da Política Nacional de Alfabetização.

Suellym Fernanda Opolz¹

03- Alfabetização, diversidades e inclusão

Resumo: Este presente trabalho tem o objetivo de realizar uma reflexão sobre o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita pelo aluno surdo, demonstrando que é fundamental respeitar sua especificidade linguística e cultural, construindo sentidos e significações para o universo escrito. Isto porque, ao abordar a leitura pela via fonética e utilizando como modelo referencial de alfabetização o Sistema de Escrita Alfabética, nega-se ao aluno surdo a manifestação de sua identidade no processo de aprendizagem, que por sua vez, torna-se desvinculada e descontextualizada, condicionando defasagens. Sendo assim, é necessária uma análise reflexiva da perspectiva apresentada através do método fônico visual para educação de surdos, estabelecida pela política pública de educação especial que utiliza como referencial a nova Política Nacional de Alfabetização. Por isso, é importante conhecer aspectos teóricos e conceituais sobre letramento e educação de surdos e demonstrar a importância prática de letramento contextualizada. Além disso, evidencia -se o quanto a aprendizagem da leitura e da escrita do aluno surdo precisa estar vinculada com sua identidade, tendo como ferramenta de mediação a Libras, e considerando a língua portuguesa escrita como segunda língua. Só assim é possível construir uma educação bilíngue para surdos significativa, que promova emancipação e autonomia.

Palavras-chaves: Educação de surdos; Educação Bilíngue; Letramento; Política Nacional de Alfabetização.

Introdução

Quando a criança inicia seu processo de aprendizagem no ensino fundamental, é grande a expectativa que ela aprenda a ler e escrever já nos primeiros anos desta etapa inicial de ensino. Ou seja, um dos objetivos fundamentais deste período escolar é alfabetizar, formar leitores e escritores funcionais, que utilizem a língua em sua modalidade escrita em contextos formais e também sociais.

Entretanto, como o aluno surdo aprende a ler e escrever, se não possui processamento auditivo necessário, para se apropriar do sistema de escrita alfabética? Esta reflexão é

¹ Mestre em Educação pela UFPR. Professora da Educação Básica do Município de São José dos Pinhás -PR. Contato : suopolz@gmail.com

necessária, pois a metodologia referencial para o ensino da leitura e da escrita para alunos ouvintes é o modelo áudio oral – via fonética. Diante disso, o aprendizado do aluno surdo torna-se defasado e sem significado.

Isto porque, uma metodologia fonológica não é natural para este educando, não considera o canal de aprendizagem do aluno surdo, que é naturalmente visual /espacial. Assim, neste cenário sistemático áudio oral, a aprendizagem deste educando surdo fica descontextualizada, prejudicada pela falta de vivências e significados. Além disso, o objetivo central deste método é desenvolver a leitura e a escrita partindo da fala, normalizando o processo de expressão do educando surdo ao modelo ouvinte. Mediante esta perspectiva, não se ensina contextos e conteúdos necessários para construção de conhecimento de mundo, tão importante para configuração da identidade do aluno surdo, estabelecendo seu espaço em sociedade.

Portanto, não se pode caracterizar a surdez pelo aspecto clínico de perda auditiva, configurando a ausência de audição como doença. É necessário compreender a surdez pelo seu caráter linguístico e cultural, possibilitando ao surdo a valorização e respeito à sua identidade.

Diante desse cenário, ressalta-se que a educação de surdos apresenta ainda o diferencial da constante luta para reafirmação da identidade do sujeito surdo e resistência à normalização ouvinte, que é constantemente imposta e mascarada de benevolência. Ou seja, a educação de surdos precisa garantir o direito do aluno em ser respeitado por sua identidade e especificidade, indo contra a imposição de uma aprendizagem centrada na perspectiva clínica, que utiliza recursos metodológicos referenciados em fonoaudiologia.

Por isso, este artigo tem como objetivo refletir sobre o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita pelo aluno surdo nos anos iniciais do ensino fundamental, considerando uma análise das perspectivas e expectativas explícitas e implícitas pela Política Nacional de Alfabetização, que evidenciou uma proposta do método fônico tonal na educação de surdos. Tal método se apresenta como um retrocesso diante das pesquisas já realizadas na área de linguística e educação, referente a importância e significação da prática de letramento no contexto de educação bilíngue para surdos.

Assim, este presente trabalho abordará uma revisão² de literatura sobre letramento e alfabetização, realizando uma articulação destes conceitos com a educação de surdos. E mediante tal contextualização, evidenciará uma análise crítica sobre a proposta do Método Fônico Visual, apresentada no dia 26 de setembro de 2019, no Fórum de Políticas Públicas

² Revisão de literatura que é parte integrante da dissertação: OPOLZ, Suellym Fernanda. **Viver o ler: um inventário das práticas de letramento nos anos iniciais do ensino fundamental na educação bilíngue para surdos**. Dissertação (Mestrado em Educação) – PPGE, UFPR. Curitiba, 198, 2020.

para Pessoas Surdas e com Deficiência Auditiva realizado pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, e organizado pela Secretaria Nacional dos Direitos da pessoa com Deficiência.

2 Uma reflexão sobre Letramento e Alfabetização na educação de surdos e a nova Política Nacional de Alfabetização.

Aprender ler e escrever é uma ação que está vinculada à prática de alfabetizar. O processo de alfabetização, por senso comum, está vinculado ao processo de decodificação do sistema alfabético e transcrição de fonemas em grafemas. Entretanto, neste processo de ensinar, alguns aprendizes são negligenciados através do predomínio do tradicionalismo, onde o processo de alfabetização não apresenta significação.

Ou seja, muitas crianças identificam as letras, mas apresentam dificuldade em formar sílabas e construir palavras (CARVALHO, 2013). Isto ocorre justamente porque o senso comum e práticas tradicionais de alfabetização atribuem ao processo de alfabetizar uma configuração de mecanismo. Contudo, o próprio ato de aprender revela a diversidade e a especificidade que há no processo educativo. Para elucidar melhor essa questão, Magda Soares (2018) apresenta a distinção entre alfabetização e letramento.

Segundo destaca Soares (2018, p.16)

Não parece apropriado, nem etimológica nem pedagogicamente, que o termo alfabetização designe tanto o processo de aquisição da língua escrita quanto o de seu desenvolvimento; etimologicamente, o termo alfabetização não ultrapassa o significado de “levar à aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar o código de língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever; pedagogicamente atribuir um significado muito amplo ao processo de alfabetização seria negar-lhe a especificidade, com reflexos indesejáveis na caracterização de sua natureza, na configuração das habilidades básicas de leitura e de escrita, na definição da competência em alfabetizar.

Nesta perspectiva, o letramento se apresenta como uma prática que contextualiza e, abordando o conhecimento prévio do aluno, oportuniza significações, envolvendo a dimensão social e afetiva do aprendiz, pois demonstra a intencionalidade do que se lê, e a destinação do que se propõe escrever.

Entretanto, conforme salienta Soares (2018), parte das defasagens correspondentes à aprendizagem da leitura e escrita reflete a falta de distinção do que é propriamente letramento e do que é propriamente alfabetização. É necessário compreender que:

(...) propriamente se denomina letramento, de que são muitas as facetas – imersão das crianças na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito (SOARES, 2018, p .46).

Já alfabetização, corresponderia a

consciência fonológica e fonêmica, identificação das relações fonema-grafema, habilidades de codificação e decodificação da língua escrita, conhecimento e reconhecimento dos processos de tradução e da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita. (SOARES, 2018, p.46)

Diante deste cenário, podemos analisar que na educação de surdos, o caminho ideal para o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita é o letramento, pois não envolve a questão de correspondência entre sons e grafemas e nem aborda a questão de processamento auditivo na aprendizagem.

O letramento oportuniza à criança surda se apropriar da língua escrita de modo contextual, abordando uma dimensão social e afetiva da leitura, permitindo explorar e ampliar as interações do aluno com o mundo escrito e contemplar o conhecimento de mundo no processo de ensino.

Claro que a criança surda fará reconhecimento das letras do alfabeto no processo de aprendizagem, mas não será mediada por sons e nem pela fala, e sim pela Libras, através do alfabeto datilológico.

Assim, tendo a Libras como ferramenta de mediação, o aluno surdo é inserido no mundo da leitura e da escrita em português brasileiro – sua segunda Língua (L2) na modalidade escrita – através da prática de letramento, que objetiva estimular o aluno surdo ao uso social e funcional da leitura e da escrita, considerando que

Letramento é o estado daquele que não só sabe ler e escrever, mas que também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita, e que, ao se tornar letrado, muda seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura” (QUADROS e SCHMIEDT, 2006, p. 17).

Evidencia-se, no entanto, que o processo de letramento só se torna significativo para o educando surdo quando abordado desde a educação infantil, pela via lexical – e não fonética – pois os alunos surdos não têm o processamento auditivo necessário para apropriação do Sistema de Escrita Alfabética.

Por isso, é necessário compreender a importância da mediação da Libras, primeira língua do aluno surdo, pela qual ele expressa seu conhecimento de mundo, sendo uma língua visual espacial e de interação. Desta forma, o aluno surdo conquista significações, que são

suporte principal para a leitura, passando a perceber, assim, a funcionalidade da mensagem escrita, considerando os contextos e significados de palavras, frases e textos. Tal fato evidencia que “a língua escrita não é nada mais que uma prática; ela se cria por esta prática e é essa prática que se aprende. O que interessa ao pedagogo é saber o que é esta prática, se ele quiser ajudar a criança a adquiri-la (...)” (FOUCAMBERT, 2008, p.35).

Diante deste contexto, Fernandes (2008, p.12) conduz a uma reflexão:

Conscientizemo-nos que a constituição dos sentidos na escrita pelos estudantes surdos decorrerá de processos simbólicos visuais e não auditivos. Aprender o português, nesse sentido, demanda um processo de natureza cognitiva (para o surdo) e metodológica (para o professor) que difere totalmente dos princípios que a literatura na área do ensino de português como língua materna tem sistematizado.

Entretanto, em 26 setembro de 2019, durante o Fórum de Políticas Públicas para Pessoas Surdas e com Deficiência Auditiva - realizado pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, e organizado pela Secretaria Nacional dos Direitos da pessoa com Deficiência - foi proposto o ensino de leitura e escrita através do método fônico para educandos surdos.

Tal proposta foi apresentada pela Diretora de Acessibilidade, Mobilidade, Inclusão e Apoio às pessoas com Deficiência, Nídia Limeira de Sá - e está relacionada à Política Nacional de Alfabetização³, do Ministério da Educação.

Conforme destaca Sá (2019) em sua apresentação⁴ no Fórum de Políticas Públicas para pessoas Surdas e com Deficiência Auditiva

A Política Nacional de alfabetização está tentando incentivar os professores alfabetizadores a utilizarem o Método Fônico porque, conforme pesquisas realizadas pela secretaria de Alfabetização do Ministério da Educação há evidências de que esta metodologia apresenta bons resultados.

Conforme parâmetros definidos pela Política Nacional de Alfabetização, Nídia de Sá relata que seria proposto na educação de surdos um método fônico visual, configurando uma metodologia verbotonal⁵. Através desta metodologia, acredita-se que a pessoa surda pode se

³ Política Nacional de Alfabetização (PNA), instituída pelo Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019.

⁴ Apresentação registrada aos 56' no vídeo:

https://www.youtube.com/watch?v=F7LKjali_9Y&feature=youtu.be&app=desktop

⁵ É um método fonoaudiológico desenvolvido pelo linguista e foneticista iugoslavo Peter Guberina, em 1954. Consiste num método com objetivo de reabilitação auditiva de crianças surdas, explorando todos os canais sensoriais e criando condições para o desenvolvimento da fala. Um dos canais sensoriais explorados é o rítmico corporal, onde relaciona-se movimento e expressão corporal a fonemas.

beneficiar do método fônico como uma pessoa ouvinte. Segundo justificativa - apresentada neste referido Fórum de Políticas Públicas para pessoas Surdas e com deficiência auditiva – o método fônico seria importante, porque para aprender a ler e a escrever, o indivíduo necessita entender a relação estabelecida entre fala e escrita, e conhecer o Sistema de Regras da escrita alfabética. Além disso, a Língua Portuguesa apresenta um sistema de escrita alfabética, por isso o método fônico seria o mais eficiente para desenvolver a leitura e a escrita.

Partindo destes pressupostos, foi apresentada a perspectiva de um método fônico visual aos estudantes surdos, com fonemas visuais – onde cada fonema corresponderia uma configuração de mão/movimento. Em seu relato, Nídia de Sá destaca que o objetivo desta metodologia não está vinculado a aprendizagem da fala e não pode ser relacionada ao oralismo – mas, segundo ela, o método fônico visual pode ser mais eficiente que o Método Global, já que muitos surdos apresentam habilidades insuficientes de leitura e escrita.

Entretanto, tais justificativas são contraditórias, e por isso cogitar um método fônico para o ensino de Português aos educandos surdos gerou reivindicações por parte de Associações de Surdos, escolas bilíngues, Universidades Federais que dispõem de cursos de Letras Libras, Instituto Nacional de Surdos, e sobretudo a Federação Nacional de Surdos (FENEIS). Ou seja, reivindicações por parte da comunidade surda, de profissionais e pesquisadores envolvidos em Estudos Surdos, Educação Bilíngue e que conhecem as especificidades da identidade linguística e cultural dos surdos.

4 Resultados e Discussão

Em Nota Técnica de Esclarecimento sobre a Alfabetização de surdos para o desenvolvimento da leitura e da escrita na Língua Portuguesa, escrita em 30 de setembro de 2019, a FENEIS afirma que;

Os estudos recentes sobre alfabetização de surdos para o desenvolvimento da leitura e da escrita na Língua Portuguesa são baseados em um conjunto de pesquisas que apontam para os caminhos cognitivos acessados pelos surdos no ato de ler e escrever que independem dos caminhos fônicos da Língua oral.

Tendo por respaldo estes estudos e contexto, a mesma nota técnica ressalta que:

Em relação ao uso do método fônico para tomada de consciência das unidades envolvidas na fala (sons enquanto fonemas) que formam palavras faladas, o

Fonte: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/fonoaudiologia/metodo-verbotonal-o-que-e/33856> (acesso em: 20/09/2020)

uso de pistas visuais (*cued speech*) para ensinar os surdos identificarem a relação destas pistas com os articuladores de fala são usados para ensinar os surdos a falarem, ou seja, no processo de oralização.

Em outras palavras, o método fônico não oferece ao educando surdo recursos visuais necessários para compreensão de contextos relativos ao uso funcional da leitura e da escrita, destacando somente a parte relativa à análise linguística – e tal análise é extremamente fonética, não considerando e não respeitando as especificidades cultural e linguística do aluno surdo.

Vale destacar que a aprendizagem significativa de uma segunda Língua sempre é contextual, através de letramento, através de abordagens culturais e utilizando o processo funcional da Língua. Por exemplo, uma criança ouvinte que está aprendendo inglês, aprende a pronúncia através de vivências, como diálogos e músicas (utilizando-se do canal áudio-oral de aprendizagem), e aprende a leitura e escrita pela via lexical – percebendo o texto como todo, os significados e uso das palavras em contexto funcional, e não separando as palavras em sílabas ou em fonemas.

Então é necessário compreender com urgência, na esfera pedagógica, que a Língua Portuguesa para o educando surdo é uma segunda língua, e a aprendizagem deve ser configurada em uma abordagem funcional, contextual, e não por uma abordagem fonética. A criança surda não pode vivenciar a aula de português da mesma maneira que vivencia uma sessão de fonoaudiologia.

Isto porque, existem pessoas que apresentam surdez bilateral profunda, mas mediante extensa reabilitação auditiva, realiza leitura labial, e inclusive oraliza – sendo também (ou não) usuários de Língua de Sinais. Entretanto, tais casos - julgados como sucesso fonoaudiólogo - não podem ser utilizados como referenciais dentro da sala de aula. A prática pedagógica possui grande diversidade e dinamismo, e o objetivo principal é a aprendizagem e construção de conhecimento de mundo pelo aluno. Nessa perspectiva, o tempo pedagógico não pode ser determinado ao objetivo de reabilitar o escutar e condicionar o aprender a falar.

Em entrevista⁶ destinada ao público surdo, produzida pelo Núcleo de Ensino de Libras, da Coordenação de Letras-Libras da UFPR, a prof^a Dr^a Sueli Fernandes, comenta o retrocesso que a proposta do método fônico representa para a educação bilíngue. Isto porque, o método fônico é uma forma de normalização do sujeito surdo mediante a norma ouvinte. Os surdos não possuem processamento auditivo para corresponder a uma consciência fonológica, por isso tal proposta é inconveniente. Uma criança surda não pode ser alfabetizada pela via fonética porque é necessário significar, contextualizar; o que ocorre

⁶ Entrevista documentada em : <https://www.youtube.com/watch?v=w5ONMcJaVZs>

somente através da prática de letramento e mediante expressão linguística na Língua de Sinais, que é a L1.

Outro ponto apresentado pela prof^a Dr^a Sueli Fernandes é o fato de tal proposta do método fônico ter como referencias estudos e pesquisas das áreas de saúde, especificamente da área de fonoaudiologia, não considerando as pesquisas há muito tempo realizadas na área de linguística – e que seriam mais significativas ao apontar caminhos para o aprendizado de leitura e escrita pelo aluno surdo.

5 Considerações Finais

O presente trabalho trouxe algumas reflexões sobre ensino e aprendizagem da leitura e da escrita pelo aluno surdo, demonstrando que é fundamental respeitar sua especificidade linguística e cultural, construindo sentidos e significações para o universo escrito. Isto porque, ao abordar a leitura pela via fonética e utilizando como modelo referencial de alfabetização o Sistema de Escrita Alfabética, nega-se ao aluno surdo a manifestação de sua identidade no processo de aprendizagem, que por sua vez, torna-se desvinculada e descontextualizada, condicionando defasagens. Sendo assim, a perspectiva aqui apresentada é contrária à proposta de método fônico visual para educação de surdos, estabelecida pela política pública de educação especial que utiliza como referencial a Política Nacional de Alfabetização.

Então, ao apresentar um estudo teórico e conceitual sobre a importância do letramento na educação de surdos, evidencia o quanto a aprendizagem do aluno surdo precisa estar vinculada com sua identidade, tendo como ferramenta de mediação a Libras, e considerando a língua portuguesa escrita como segunda língua em uma perspectiva de letramento. Só assim será possível construir uma educação bilíngue para surdos significativa, que promova emancipação e autonomia, respeitando as especificidades do sujeito surdo e oportunizando melhor qualidade de vida.

Referências

- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e prática. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.
- FERNANDES, Sueli de Fátima. **Letramento na educação bilíngue para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. In: FERNANDES, Maria Célia Lima; MARÇALO, Maria João; MICHELETTI, Guaraciaba (Org.). A língua portuguesa no mundo. São Paulo: FFLCH, 2008, p. 1-30. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/s>
- MMFDH Auditório.: **Transmissão ao vivo de Auditório Direitos**

Humanos Youtube, 26 set. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=F7LKjali_9Y&feature=youtu.be&app=desktop >. Acesso em: 15 julho. 2021.

FOUCAMBERT, J. **Modos de ser leitor**. Tradução de Lúcia Peixoto Cherem e Suzete Bornatto. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

OPOLZ, Suelym Fernanda. **Viver o ler: um inventário das práticas de letramento nos anos iniciais do ensino fundamental na educação bilíngue para surdos**. Dissertação (Mestrado em Educação) – PPGE, UFPR. Curitiba, 198, 2020

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2018.

UFPR TV: **Alfabetização de surdos pela abordagem fônica**. Youtube, 20 dez. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w5ONMcJaVZs> >. Acesso em: 15 julho. 2021.